

CADEIRA 12

PATRONO - Miguel Benedito Peixoto



MIGUEL BENEDITO PEIXOTO nasceu no dia 03 de abril de 1958, em terras antes pertencentes ao Município de Quixadá, mais precisamente na zona rural do atual Município de Ibareta (Serra Azul). Filho de agricultores, foi árduo perseguidor da cultura e fortemente devotado aos estudos. Fruto dessa dedicação, obteve aprovação em certame para ingresso nos quadros no Banco do Brasil S/A, vaga por demais concorrida em todo o território nacional na época. Durante vários anos como bancário, participou da luta sindical com profundo engajamento na organização de classe, enquanto bancário, migrando inclusive para a militância partidária. Casou-se em 1979 com a Sra. Maria das Graças de França Peixoto, com quem teve (04) quatro filhos: MIGUEL MARX (médico), ODETE MELBA (odontóloga), OLGA LOURDES DE LIMA (odontóloga) e MIGUEL LENGES (advogado).

Graduado em História pela UECE (FECLESC), passou a desenvolver ainda mais o gosto pelas letras, pelo estudo dos processos de evolução humana, pelas ciências políticas e, principalmente, pela poesia. Em 1980 lançou sua primeira obra poética denominada “Parnaso Agreste”. Obcecado pelo emprego impecável da gramática da língua portuguesa, foi adepto de um marcante perfeccionismo em tudo o que escrevia e publicava. Decepcionado com os caminhos torpes e incoerentes adotados pela esquerda brasileira, abandonou a militância sindical e se engajou com veemência à cantoria de viola, sendo um notável incentivador e reconhecido apologista dessa arte na região central do Ceará. Ao lado de poetas como Orlando Queiroz e Erasmo Barreira, aderiu ao Clube da Viola, marca que estaria presente em diversas realizações do gênero. Expandiu seu conhecimento na poesia de viola por todo o Nordeste brasileiro, sendo convidado para compor o corpo de jurados de diversos festivais em outros Estados da Federação. Reuniu as maiores duplas de cantadores do Brasil ao longo de sua trajetória. Promoveu cantorias, eventos festivos, festivais e shows em diversificadas plêiades, destacando entre elas a celebração de “120 anos de Cego Aderaldo”, em 27/06/1998 e o “Nosso Louvado a Raquel de Queiroz”, em 26/06/1999, ambos realizados em praça pública, organizados na época em parceria com o Advogado e professor universitário Romero Lemos, na gestão do então Prefeito Dr. Francisco Mesquita. Este último festival contou com a presença da referida escritora quixadaense e expoentes da cantoria, abordando, em versos, as principais obras literárias de Raquel de Queiroz.

Na década de 1980, passou a se dedicar paralelamente ao comércio lojista, inicialmente no setor de doces e balas. Com o crescimento da atividade comercial, ampliou sua atuação para o campo atacadista, na distribuição de vários gêneros alimentícios. Essa outra opção profissional lhe rendeu uma destacada atuação no movimento lojista através da CDL, chegando a exercer a presidência da entidade em Quixadá, além de outras funções de Diretoria. Sob sua gestão na CDL local, foi realizada a regularização imobiliária da sede da entidade, além de amplas melhorias estruturais.

Foi rotariano de afincado desvelo, chegando à presidência do clube em Quixadá. Mesmo continuando no Banco do Brasil, onde exerceu gerência de pessoas jurídicas e costumava dizer que ali estava sua futura aposentadoria, passou a se dedicar ao imóvel rural onde nascera, desenvolvendo exploração pecuária na gleba que recebera carinhosamente o nome de seu pai: Fazenda Zé Joca. Com uma notória habilidade multifacetária, assumiu a condição de bancário, pai de família focado na ideia de formar todos os filhos, pecuarista, comerciante, escritor de rimas críticas, métricas exigentes e bem definidas, promotor cultural, rotariano impetuoso e líder classista na CDL.

Miguel Peixoto era homem de hábitos nobres e conduta austera. Primava por honrar a palavra e pela pontualidade no cumprimento das obrigações. Não abria mão de suas convicções. Acordava cedo e dormia tarde. Era amante do trabalho como instrumento de promoção da dignidade e da leitura como força transformadora do ser e da sociedade. Não podava seus sonhos, mas lutava para realizá-los.

Morreu no dia 26 de agosto de 2011, aos 53 anos de idade, vítima de covarde emboscada. Foi alvejado a tiros disparados contra suas costas, na entrada de sua casa, no centro de Quixadá. Deixou um legado cultural inegável e um exemplo marcante de persistência.

Por sua biografia e legado ao longo de sua existência, a Academia Quixadaense de Letras – AQL acolheu a indicação de seu nome, conferindo-lhe em votação unânime, o título de Imortal como Patrono Perpétuo da Cadeira 12.

ACADÊMICO DA CADEIRA 12

- 1. Francisco Jardes Nobre de Araújo** - Fundador da Cadeira 12 da Academia Quixadaense de Letras. Em 19/07/2012 foi formalizado seu pedido de ingresso na instituição; em 19/07/2012 teve seu nome aprovado para integrar a agremiação e em 27/10/2012, foi empossado como imortal, ocupando a cadeira 12, cujo patrono perpétuo é Miguel Benedito Peixoto.



AUTOBIOGRAFIA

Meu nome completo é Francisco Jards Nobre de Araújo. Nasci no amanhecer do dia 1º de julho de 1974, num vilarejo de Cipó dos Anjos, distante do centro urbano, a 42 km da cidade de Quixadá, no interior do Ceará. Nasci em casa mesmo, auxiliado por minha avó paterna Adélia Inácio. Sou o 5º filho de uma família de sete irmãos, aos quais meu pai pôs nomes iniciados com o fonema /3/. Cresci no vilarejo onde nasci. O nome do povoado pode parecer bastante engraçado e curioso, mas é uma simples referência às terras cobertas de mata ("cipó") da família Ângelos ("Anjos", na variedade popular). Minha infância foi bastante tranquila, idílica até! Enclausurado entre os curtos limites do vilarejo, minha rotina era tomar banho de açude, brincar nas árvores do meu quintal, ir para a escola, ler os volumes da "Ciranda de Livros" e, à noite, ir para a pracinha ver televisão, com a comunidade inteira. Aos 13 anos, depois que eu concluí a 7ª série, saí-me de Cipó dos Anjos para ir morar em Fortaleza com meu tio e meus avós maternos. A mudança se deu devido ao fato de, no vilarejo, não se oferecer a 8ª série por falta de alunos. Passei um ano em Fortaleza. Foi muito difícil. Longe dos meus pais, irmãos e amigos, estudando numa escola estranha, morando numa cidade imensa e tendo de trabalhar ajudando meu tio em seu comércio, foi como ter a infância abreviada e a adolescência comprometida. Quando concluí o então 1º. Grau, pedi a meus pais para me levar de volta para casa e então fui morar com outros tios, na cidade de Quixadá, que eu nem conhecia ainda. Passava a semana com eles e, na sexta-feira, ia para casa, ainda em Cipó dos Anjos. Fiz meu 2º. Grau (hoje Ensino Médio) na escola Coronel Virgílio Távora. Por essa época, costumava escrever histórias de amor para minhas primas lerem. Escrevi muitas e muitas, em caderninhos que se espalharam entre as amigas de minhas primas e se perderam por aí. Naquele tempo, alimentava o sonho de me tornar escritor e, por isso, quando terminei meu 3º. Ano, voltei para Fortaleza, onde prestei vestibular para Letras na Universidade Estadual do Ceará. Morava com o meu irmão mais velho, recém-casado. Passei em 13º. lugar quando achava que nem ficaria entre os classificáveis no meio de 60 candidatos aprovados. Cursei Letras no CH da UECE de 1992 a 1994, quando, cansado de morar fora de casa, resolvi dar um tempo ao curso e voltar para Cipó dos Anjos. Assim que cheguei ao vilarejo, já soube que haveria uma seleção para a escolha de um substituto para uma professora que queimara a mão. E foi assim que eu comecei minha carreira de professor. Em 1994, eu e meus amigos em Cipó dos Anjos criamos um grupo de teatro amador. Foi um período muito divertido. Eu escrevia as peças, atuava e dirigia. Quando o espetáculo estava pronto, saíamos pelas casas convidando as pessoas para ir nos ver. E dávamos à comunidade carente de diversões uma noite muito engraçada e animada, gratuitamente. Em 1995, em vez de

retomar o curso em Fortaleza, resolvi prestar vestibular para o recém-criado curso de Letras na Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central (FECLESC), em Quixadá, e fui aprovado em 1o. lugar. Nesse ano, também assumi turmas de ensino fundamental na escola Zilcar de Sousa Holanda, onde eu estudara até minha 7a. série. Desestimulado com as condições de trabalho e com o baixo salário, em 1997 abandonei a sala de aula e fiquei no ócio, esperando melhores oportunidades, o que só veio a acontecer no início do ano seguinte, quando recebi o convite para dar aulas em Quixadá, numa escola particular tradicional, o Colégio Valdemar Alcântara. Passei a ganhar quatro vezes mais o que eu ganhava em Cipó dos Anos e, então, mudei-me para Quixadá, levando, desta vez, meus pais e meu irmão mais novo comigo. Nesse ano, escrevi à mão a primeira versão de "Pássaros sem canção", mas deixei-o engavetado, por falta de condições de enviá-lo a uma editora. Concluí meu curso de Letras em 1999, tardiamente, uma vez que o havia interrompido por dois anos. Em 2000, voltamos para Cipó dos Anjos de novo, pois, devido a uma crise no CVA, eu estava com poucas aulas e a prefeitura de Quixadá me havia oferecido uma turma de Telecurso 2000 lá no distrito. Continuei dando aulas em Quixadá durante as manhãs e, à noite, dava aulas nessa turma em Cipó dos Anjos. No ano seguinte, fui convidado a fazer parte do 1o. Núcleo Gestor do recém-criado Distrito Educacional de Cipó dos Anjos e então passei a ser diretor geral da escola onde havia sido aluno e professor. Foi uma experiência muito rica, pois pude conhecer melhor o mundo da educação pública e interagir com as famílias dos alunos de todo o distrito. Aspectos dessa experiência foi externada em um de meus romances depois. Mais uma vez insatisfeito com as condições de trabalho e cansado de uma vida cheia de limitações (que é a vida em um distrito), resolvi fazer um concurso para professor substituto da FECLESC. Passei, vendi meu carro, comprei uma casa em Quixadá e levei meus pais para morar comigo mais uma vez. Como trabalhava o dia todo (manhã e tarde no CVA e à noite na FECLESC), morar sozinho não me seria conveniente. Em 2004, larguei a FECLESC quando passei num concurso para professor da rede pública estadual. Fui dar aulas na escola onde fiz meu Ensino Médio, mas continuei como professor do CVA. Em 2007, concluí uma especialização em Literatura, na FECLESC. Em 2008, resolvi voltar a escrever, desta vez com a intenção de publicar comercialmente. Escrevi "Curral de Pedras", um romance "noir" neorrealista e com bastante introspecção psicológica e crítica social. Seu lançamento ocorreu em agosto de 2009. Em 2012, iniciei o Mestrado em Linguística da Universidade Federal do Ceará. Por causa disso, solicitei desligamento do CVA e uma licença do trabalho na rede pública para mudar-me para Fortaleza onde estou neste momento. Ingressei na Academia Quixadaense de Letras, em 27/10/2012, como fundador da cadeira 12. Em 2013, resolvi tirar "Pássaros sem canção" da gaveta e mandá-lo para uma editora. Recebi comentários emocionantes sobre a obra e muita gente me confessou ter chorado rios com o romance. Em 2016, iniciei o Doutorado em Linguística na Universidade Federal do Ceará. Em 2017, lancei meu terceiro livro, desta vez uma coleção de 15 contos ambientados na caatinga sertaneja em diversos momentos de outrora, por isso dei ao livro o nome de "Mata branca" (o significado da palavra tupi "caatinga"). Bem, essa é uma pequena parte de minha história. Limitei-me a falar de minha trajetória profissional, deixando de lado os aspectos (inter)personais... Como veem, sou apenas mais um, sem nada de extraordinário para contar. Apenas mais um que sonha, que teme, que ama, que tenta e que quer ser feliz, como todo o mundo.
